

VOZES QUE RETRATAM A HISTÓRIA DO POVO MOÇAMBICANO EM **TERRA SONÂMBULA**, DE MIA COUTO

LEILA ROSE MÁRIE BATISTA DA SILVEIRA MACIEL*

Doutoranda do programa de Pós-graduação em Literaturas de língua portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas.

Resumo

Pretende-se, neste estudo, mostrar como a forte devastação causada pela Guerra Civil em Moçambique torna-se, no romance **Terra sonâmbula**, de Mia Couto, rico material narrativo. O narrador utiliza-se das diferentes vozes de suas personagens para contar a história do povo moçambicano. As narrativas orais, bem como os valores e as tradições, são preservados e transmitidos de geração a geração. No romance, as vozes se intercalam para narrar os fatos do presente e, ao mesmo tempo, resgatar o passado, mostrando também que, apesar do sofrimento e do caos, ainda há o sonho de um novo recomeço para se conquistar uma vida melhor. Há várias vozes que se destacam: a do narrador onisciente, a dos cadernos de Kindzu, a de Taímo, a do estrangeiro, entre outras.

Palavras-chave: Terra sonâmbula; Mia Couto; Romance; Vozes; Moçambique.

Pretende-se, neste estudo, mostrar como a forte devastação causada pela Guerra Civil em Moçambique torna-se, no romance **Terra sonâmbula**, de Mia Couto, rico material narrativo. O fio condutor do romance é a perda da memória coletiva e da visão de mundo das comunidades tradicionais destruídas pela guerra após a independência desse país.

O narrador utiliza-se das diferentes vozes de suas personagens para contar a história do povo moçambicano. Moreira Taborda afirma que essas vozes “se instalam nos textos inscrevendo neles um tipo de saber acumulado pela experiência histórica. (...) marcam nos textos a diversidade cultural que informa a sociedade moçambicana planificada no espaço cenográfico”. (MOREIRA, 2005, p. 129). No romance, as vozes se intercalam para narrar os fatos do presente e, ao mesmo tempo, resgatar o passado, mostrando também que, apesar do sofrimento,

do caos, ainda há o sonho de um novo recomeço para se conquistar uma vida melhor. Moreira Taborda esclarece ainda que: “Cada voz que atravessa a voz do narrador inscreve no texto um viés ideológico, uma informação, um pensamento, um princípio, todos eles determinantes para a estruturação mesma do diálogo”. (MOREIRA, 2005, p. 139). Assim, é possível escrever outra história do país com destaque para os seguintes protagonistas das narrativas de ficção: os pobres, os negros e os excluídos.

O romance apresenta uma tensão constante entre oralidade e escrita. Segundo Fernanda Cavacas:

A tradição oral é em África um sistema de autointerpretação concreta. Por ela, a sociedade explica-se – e explica a si própria. A história dos africanos dir-se-ia uma verdade ontológica. E vários são os veículos de que a tradição oral se serve para transmitir aos vivos o significado ontológico do grupo. (CAVACAS, 2006, p. 69).

A língua falada tem grande poder sobre as pessoas, sendo esta o espaço da recreação e a grande escola da vida e, por meio dela, é possível passar de geração a geração os valores, as crenças, as lendas, enfim, a cultura de um povo. Daí a importância de se estabelecerem as relações entre a oratura e a literatura. As narrativas orais, bem como os valores e as tradições, são preservados e transmitidos aos mais jovens. Contudo, segundo Chaves e Macedo:

Não se trata simplesmente de recontar as lendas, os mitos e as fábulas que compõem as suas tradições, mas de revitalizar a escrita através do questionamento dos modelos ocidentais. Dessa forma, eles exprimem o impasse criado entre a recusa de uma tradição imposta pelo sistema colonial e a impossibilidade de retomar integralmente a tradição que fora submetida ao amordaçamento pelo mesmo sistema. (CHAVES; MACEDO, 2008).

Mia Couto mostra-se um exímio escritor nesse sentido, pois utiliza, de forma imaginativa, os recursos linguísticos, todavia

ultrapassa essa realização porque, por um lado, podemos reconhecer no discurso coutista marcas inequívocas do português oral de Moçambique, por outro, há um rejuvenescimento da língua portuguesa que se transforma, a partir da matriz, numa perspectiva de construção de identidade nacional. E ainda, a alquimia da linguagem que se traduz num estilo literário próprio. (CAVACAS, 2006, p. 67).

Terra sonâmbula se passa em um espaço marcado pela guerra, pelo deslocamento em um mundo fragmentado e, nesse contexto, “a palavra escrita assume-se como local privilegiado de conservação e reinvenção da memória. Além disso, ela, escrita, se converte em possibilidade de retomada do espaço de pertença, de um espaço em que o homem possa se reconhecer”. (FONSECA; CURY, 2008, p. 25). As múltiplas vozes narradoras criadas pelo autor do romance em questão materializam a voz dos antepassados moçambicanos, objetivando a perpetuação dos costumes e das tradições e a busca de uma identidade cultural perdida no processo de colonização.

Todas as citações dessa obra foram extraídas da mesma edição e doravante serão assinaladas, apenas, pelo número de página.

Terra sonâmbula possui um narrador-observador que, logo no início da narrativa, descreve o local em que as personagens Tuhair e Muidinga se encontram como um lugar devastado pela guerra. Ele faz reflexões sobre a situação de extermínio do local e utiliza como símbolo as hienas, as cinzas, as cores sujas. Essas reflexões são tomadas como referentes da guerra e antecipam a sugestão de morte e de prostração: “E os viventes se acostumaram ao chão, em resignada aprendizagem da morte”. (COUTO, 2007, p. 9)¹. Inicialmente, as personagens não são nomeadas: “Um velho e um miúdo vão seguindo pela estrada. Andam bambolentos como se caminhar fosse seu serviço desde que nasceram”. (p. 9).

O romance é atravessado pela voz de um narrador onisciente que vai narrando a história de um ponto de vista distanciado. Ele descreve o que se passa com Muidinga e Tuhair, permeando suas falas:

– Estou-lhe a dizer, miúdo: vamos instalar casa aqui mesmo.

– Mas aqui? Num machimbombo todo incendiado?

– Você não sabe nada, miúdo. O que já está queimado não volta a arder. (p. 10).

E ainda: “Muidinga vai avançando, pisando com mil cautelas. (...) – Não faça essa cara, miúdo. Os falecidos se ofendem se lhes mostramos nojo”. (p. 11).

Kindzu, personagem-narrador, é uma das vozes que se destacam, pois a leitura de seus cadernos conta as histórias da tradição do povo moçambicano. As histórias contadas retomam as imagens fantasmáticas da textualidade oral moçambicana. Nelas estão as lendas e as narrativas do imaginário tradicional. Muidinga lê os cadernos e Tuhair complementa com as histórias contadas oralmente: “– Sou chamado de Kindzu. É o nome que se dá às palmeiras mindinhas, essas que se curvam junto às praias”. (p. 15). Esses cadernos, apesar de serem escritos, não deixam desaparecer o mundo da oralidade, pois descrevem o presente – a devastação causada pela guerra – mas, simultaneamente, recuperam o imaginário do povo moçambicano, resgatando as tradições, as cerimônias, as lendas, os rituais. Como exemplo, podem ser citadas a transformação de Junhito em galinha para ser poupado da morte pelos bandos; a cerimônia para espantar os gafanhotos pelas idosas profanadoras; a transformação de Siqueleto em semente para reproduzir homens; a volta de um morto com o caixão nas costas, entre outros episódios.

Tuhair e Muidinga participam das histórias; eles e as outras personagens compartilham um grande sonho: viver em um tempo e em um espaço nos quais não há guerra. Essas personagens estão deslocadas de seu espaço de origem, estão sempre em viagem, sendo que a construção de sua identidade é justamente o encontro com o outro. Essas personagens vão se construindo por meio da convivência e das lembranças que as histórias lhes trazem. A leitura dos cadernos de Kindzu, além de aproximar Tuhair e Muidinga, promove maior comunicação entre os dois, possibilitando o resgate da história de cada um: “– Aprendi tudo de novidade: andar, falar. Meus olhos se lembram das leituras, meus

dedos não esqueceram as letras. Mas eu não sei lembrar nada do meu passado. Por que, tio?" (p. 125).

As histórias dos cadernos fazem o velho se lembrar de sentimentos esquecidos no período da guerra, ou seja, o da luta pela sobrevivência. A leitura das histórias vai modificando Tuhair e Muidinga, enquanto Kindzu vai construindo sua própria história em seu percurso. Os cadernos de Kindzu guardam a memória de um povo – o moçambicano – e sua leitura ajudará Muidinga a renascer, quando recuperar sua identidade de Gaspar, filho de Farida e que fora deixado na Missão. As histórias contadas nos cadernos resgatam o passado da tradição oral. Segundo Fonseca e Cury, "Essas memórias coletivas, reitere-se, silenciadas, adquirem corpo e voz".(FONSECA; CURY, 2008, p. 41).

Tuhair e Muidinga encontram-se famintos num espaço devastado pela guerra. Tal como Kindzu, eles estão sempre caminhando em busca de um lugar tranquilo, mas, ao contrário disso, eles estão sempre rodeados pela morte, pela fome, pelo caos, como percebe-se na seguinte citação:

Naquele lugar, a guerra tinha morto a estrada. Pelos caminhos só as hienas se arrastavam, focinhando entre cinzas e poeiras. A paisagem se mestiçara de tristezas nunca vistas, em cores que se pegavam à boca. Eram cores sujas, tão sujas que tinham perdido toda a leveza, esquecidas da ousadia de levantar asas pelo azul. Aqui o céu se tornou impossível. E os viventes se acostumaram ao chão, em resignada aprendizagem da morte. (p. 9).

Os dois caminham em círculo por aquele lugar sem vida, sem cor, sem brilho, sem amor. A presença das hienas já mostra a falta de vida do lugar, sombrio e acinzentado. Aos seres que ainda ali sobrevivem, só resta a desesperança e a espera da morte. Segundo Moreira Taborda, "O transitar do velho Tuhair e do menino Muidinga pela estrada tem uma significação que transcende o espaço geográfico, atingindo os aspectos histórico, cultural, mítico e social". (MOREIRA, 2005, p. 186).

No romance, um exemplo de resgate da oralidade faz-se no momento em que Tuhair e Muidinga acendem uma fogueira, pois os africanos costumam se reunir em torno de uma fogueira para ouvir histórias que, normalmente, são contadas por velhos. Contudo, no romance **Terra sonâmbula**, percebe-se que há uma inversão, porquanto, quem vai ler as histórias em voz alta é um menino, resgatando o mundo dos mais velhos. Vale lembrar que nas culturas dos povos primitivos são os mais velhos que contam as histórias aos mais novos, com o objetivo de lhes ensinar a ordenar o mundo. Então, as histórias vão passando de geração a geração, mantendo-se, desse modo, a estrutura sociocultural da comunidade.

Quando Muidinga e Tuhair começam a leitura dos cadernos de Kindzu, "Leitura e morte, escrita e vida misturam-se, trocam seus sinais, configurando o conflito como um espaço ambíguo: é devastação, mas também possibilidade de vida; é abandono e fome, mas também superação, ainda que pelo viés mítico". (FONSECA; CURY, 2008, p. 48). As leituras das histórias nos cadernos de Kindzu causam mudanças na vida de Tuhair e Muidinga. Este, ao lê-las, tem lembranças de sua

infância e as histórias passam a povoar seus sonhos. Durante o dia, o menino e o velho saem à procura de alimentos, mas sempre voltam ao *machimbombo*, local de referência por causa das histórias que serão lidas. Enquanto Muidinga, influenciado pela leitura, prefere deixar aquele lugar sem vida, Tuhair prefere ficar. Ele idealiza falsas viagens em círculos em torno do *machimbombo*, mas sempre volta ao mesmo lugar.

Outra voz que se destaca no romance é a de Taímo, um contador de histórias, pai de Kindzu e, por meio dele, manifesta-se uma diversidade de vozes buscando resgatar as lendas de seu povo, as tradições, os costumes, mostrando que, nas diferentes sociedades africanas ágrafas, a sabedoria dos velhos é de suma importância, pois são eles que contam a história de seu povo: “Taímo recebia notícia do futuro através dos antepassados. Dizia tantas previsões que nem havia tempo de provar nenhuma”. (p. 16). Taímo representa o papel do velho, pois sua voz guarda em si a sabedoria oriunda da experiência que os mais velhos transmitiam aos mais jovens sob forma de provérbios: “- É bom assim! Quem não tem nada não chama inveja de ninguém. Melhor sentinela é não ter portas”. (p. 17). Era sonâmbulo, perambulava pela noite e, no dia seguinte, contava as histórias de seus sonhos para as crianças, representando a voz da tradição. A mãe de Kindzu reunia os filhos para ouvir esses sonhos. No romance, as histórias têm valor de profecias. Assim, por meio das narrativas orais, os valores do povo moçambicano serão preservados e transmitidos de geração a geração.

O uso de provérbios é uma constante em *Terra sonâmbula* e não só Taímo, como também Tuahir, usam-nos com o objetivo de passar algumas mensagens da tradição cultural dos moçambicanos. O provérbio faz parte da tradição oral e constitui também uma “outra voz que atravessa a voz do narrador: entre texto/contexto, integrando-se ao jogo intertextual”. (MOREIRA, 2005, p. 113). Além de provérbios, o narrador do romance utiliza-se de ditos populares e frases feitas para facilitar a compreensão das mensagens presentes nas entrelinhas do texto como chaves de leitura. Desse modo, vão ocorrendo diálogos com a tradição oral, o que leva o leitor ao conhecimento da cultura do povo moçambicano: “há um atravessamento da voz do narrador pela voz da tradição oral”. (FONSECA; CURY, 2008, p. 64).

Kindzu apresenta sua voz por meio da escrita, assim, ele se comunica com Muidinga através dos significados da realidade apresentada pelos sinais gráficos. Mas tanto Kindzu como Muidinga encontram-se no espaço caracterizado pela guerra. Eles, apesar de serem narradores do mundo da escrita, trazem à tona, por intermédio da escrita dos cadernos e das histórias contadas, as tradições da oralidade. Desse modo, pode-se afirmar que, mesmo estando ligados ao tempo da escrita, eles têm como objetivo o resgate do mundo dos contadores de história representado, em um primeiro momento, por Taímo. Os cadernos de histórias de Kindzu falam da guerra e, simultaneamente, e recuperam o imaginário do povo de Moçambique. O cotidiano desse povo é permeado pelo fantástico e pelo maravilhoso, com suas lendas e seus mitos sempre contados com alegria e entusiasmo.

A voz do estrangeiro é narrativamente construída no romance por meio do colonizador, o português, que chegou para explorar o colonizado.

Ele discriminava a raça negra e sua vontade era matar todos os sonhos dos moçambicanos. O estrangeiro dominava a língua escrita e esta era sua grande arma, uma forte estratégia de dominação. Além de violentarem os moçambicanos em todos os sentidos, exploravam seu trabalho e as mulheres nativas, usando-as sexualmente como objetos de seus desejos. Um exemplo que pode ser citado é o de Romão Pinto, que, mesmo depois de morto, quer continuar a explorar e a violentar os africanos. Em sua casa morava Farida, como filha adotiva. Ele a perseguia sempre: “Às vezes, de noite, espreitava pela janela enquanto ela tomava banho. Farida estava cercada, indefesa”. (p. 74). Mas houve um momento em que a esposa do português, D. Virgínia, levou a menina para ser cuidada na Missão. Esta, ao sair de lá, resolveu ir ver a mãe de criação e, na noite em que passou na casa, Romão Pinto se apropriou do corpo da menina: “O português se homenzarrou, abusando dela toda inteira”. (p. 78). Farida chegou a tirar o corpo do alcance dele, mas, em razão de memórias antigas de sua raça, tomou a decisão de deixar acontecer a exploração sexual: “melhor seria ela se deixar, sem menção nem intenção”. (p. 78). Essa passagem do romance mostra como era forte a dominação dos brancos sobre os negros.

D. Virgínia, uma portuguesa que vivia com Romão Pinto, é uma voz que também se destaca no romance. Apesar de ser também estrangeira, há uma identificação de sua voz com a do povo moçambicano. Sua nova identidade, a de “vavó” africana, leva-a a contar muitas histórias para as crianças que vivem próximas de sua casa. Ela traz alegria às crianças. Nesse contexto, misturam-se as vozes dos antepassados e do colonizador. D. Virgínia, ao trocar os nomes das personagens de suas narrativas, mostra que a divisão já não é mais tão rígida e os limites vão diminuindo entre colonizador e colonizado.

Outra voz de estrangeiro que aparece no romance é a de Surendra Valá, uma pessoa mal-vista na aldeia de Kindzu. Ele era indiano e não era visto como amigo de negros. Chamavam-no *monhé*: “– Um monhé não conhece amigo preto”. (p. 24). Kindzu e Surendra Valá se encontram em Matimati. Os indianos são discriminados nesse local e esse processo culmina com a morte de sua esposa Assma e a perda de seu negócio, pois, em Moçambique, não há leis que protejam indianos, por serem considerados portadores do mal. Há um preconceito contra o diferente exatamente num local em que se procura justamente o reconhecimento de sua diferença.

Surendra considerava Kindzu como seu próprio filho. Mas, depois de ter sua loja saqueada e o edifício queimado, o indiano decide ir embora, o que causou grande angústia a Kindzu: “Tantas infelicidades me tinham aleijado: o desaparecimento de meu irmão, a morte de meu pai, a loucura de minha família. Mas nada me afectou tanto como a partida do indiano”. (p. 27-28).

Kindzu tentou convencê-lo a ficar, mas foi inútil. Como se pode perceber, em Moçambique, não havia leis; os fazedores de guerra podiam fazer o que quisessem e nada acontecia. Até mesmo a escola fora queimada, o que pode ser verificado quando Kindzu, triste e confuso, procura um antigo professor, o pastor Afonso: “A escola tinha sido queimada, restavam ruínas de cinza. Fui a casa dele, lá na localidade. O

pastor morava em madeira-e-zinco. Cheguei na ordem dos respeitos: encontrei foi luto. O professor tinha sido assassinado”. (p. 29).

Kindzu sentiu uma tristeza tão grande ao ver a cena do crime na escola e seu amigo morto que sentiu vontade de se unir aos napanaramas, a fim de também ser um desses guerreiros para fazer justiça. Nesse momento de desespero, seu pai apareceu-lhe em sonho e conversou com ele:

– Queres sair da terra?

– Pai eu já não aguento aqui. Fecho os olhos e só vejo mortos, vejo a morte dos vivos, a morte dos mortos. (p. 29).

Kindzu ficou aterrorizado com a presença do espírito do pai. Ressalta-se que, nas narrativas de **Terra sonâmbula**, tanto na oralidade como na escrita, mesclam-se realidade e lendas, construindo, assim, o cotidiano das personagens do romance no qual tanto a terra quanto as personagens estão em constante movimento. A terra, ao se movimentar, mostra que há possibilidade de se encontrar um novo lugar onde se possa viver. Contudo, esse lugar fragmentado vai sendo construído pela trajetória percorrida por aqueles que buscam um recanto mais tranquilo. A terra, na narrativa, apresenta dois espaços: um sóbrio, marcado pela devastação da guerra, e outro mais colorido, que permite o sonho e a realização de uma nova sociedade, em que se possa viver em paz e ser feliz. Portanto, passado e futuro caminham juntos.

CONCLUSÃO

Em **Terra sonâmbula**, os cadernos de Kindzu vão tecendo as histórias do romance, misturando muitas vozes: a da tradição; a da leitura dos Cadernos de Kindzu; a de Taímo, um velho contador de histórias; a do estrangeiro; a de Virgínia, que também conta histórias para crianças. Assim, essas vozes, junto com outras, vão se entrelaçando; ecoam por todo o romance formando uma trama cujas personagens presenciam o terror de uma guerra civil em Moçambique. Há uma tensão constante entre as linguagens oral e escrita.

As personagens do romance nunca se encontram em um lugar fixo; elas estão sempre caminhando, em um eterno movimento da terra, que está sempre “sonâmbula”. A terra era sonâmbula porque sempre estava em movimento enquanto os homens dormiam. A fantasia do sonho os visitava durante a noite: “O que faz andar a estrada?” Tuhair e Muidinga andam pela estrada devastada pela guerra. Eles rodam, rodam, sem rumo, e sempre estão no mesmo lugar, procurando um sentido para a sua vida. Também estão distantes dos locais de origem, enfim, constantemente em trânsito. A terra, ao se movimentar, aponta para a possibilidade de as personagens encontrarem outro(s) lugar(es) onde possam viver em paz, com dignidade. Ela não é fixa, então, “sonâmbula”, desloca-se para locais onde existe a guerra e o sonho, como se pode observar em várias passagens do romance.

O leitor é transportado para diferentes espaços: o *machimbombo* e seus arredores; Matimati; o navio; o campo de refugiados; a casa de Virgí-

nia. Dessa forma, o narrador, mesmo com a devastação da guerra, por meio das histórias contadas nos cadernos de Kindzu, consegue resgatar as tradições, as lendas e os costumes dos moçambicanos, os quais vão dando origem à formação da identidade do povo.

As várias vozes se juntam para compor as histórias que são contadas pelas diversas personagens, que vão se descortinando ao longo do romance. A África é um continente devastado pela miséria, pelo analfabetismo, pelos conflitos armados, pela precariedade da vida, mas isso não impede o lugar do sonho, que pode ser abrigado pela literatura.

ABSTRACT

This study intends to show how the strong devastation caused by Civil War in Mozambique ended up as rich narrative material for **Sleepwalking land**, a novel, by Mia Couto. The narrator uses the characters' different voices to tell about Mozambican's history. The oral narrations as well as the values and traditions are preserved and transmitted throughout generations. In this novel, the voices narrate the present and the past experiences showing suffering and chaos. But at the same time it reveals the strong necessity of a new beginning.

Keywords: Sleepwalking land; Mia Couto; Novel; Voices.

REFERÊNCIAS

CAVACAS, Fernanda. Mia Couto: palavra oral de sabor cotidiano/palavra escrita de saber literário. In: CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia (Org.) **Marcas da diferença**: as literaturas africanas de língua portuguesa. São Paulo: Alameda, 2006. p. 57-73.

CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia. Caminhos da ficção da África portuguesa. **Duetto**. São Paulo, n. 6, p. 44-51. Edição Especial. Disponível em: <<http://www.revista.entrelivros.com.br>>. Acesso em: 08 jan. 2008.

COUTO, Mia. **Terra sonâmbula**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

COUTO, Mia. Moçambique – 30 anos de Independência No passado, o futuro era melhor? In: **Jornal Macua de Moçambique**. Disponível em: <http://macua.blogs.com/moambique_para_todos/2005/06/no_passado_o_fu.html>. Acesso em: 10 abr. 2009.

FONSECA, Maria Nazareth Soares; CURY, Maria Zilda Ferreira. **Mia Couto**: espaços ficcionais. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GUERRA Civil em Moçambique (1975-1992). Disponível em: <<http://www.imigrantes.no.sapo.pt/page2mocGuerCivil.html>>. Acesso em: 10 abr. 2009.

MOREIRA, Terezinha Taborda. **O vão da voz: a metamorfose do narrador na ficção moçambicana**. Belo Horizonte: Horta Grande/PUC Minas, 2005.

NCOMO, Barnabé Lucas. Sobre a Renamo, o Apartheid e a Guerra Civil em Moçambique. In: **Jornal Macua de Moçambique**. Disponível em: <http://macua.blogs.com/moambique_para_todos/2005/07/sobre_a_renamo_.html>. Acesso em: 10 abr. 2009.